

NIETZSCHE E SEUS ENCONTROS COM A GEOGRAFIA: DA GEOFILOSOFIA À FILOSOFIA DA GEOGRAFIA

David Emanuel Madeira DAVIM¹

Eduardo MARANDOLA JR.²

Resumo

Como seria uma apropriação geográfica do pensamento nietzschiano? O esforço deste escrito não ousou dar os primeiros passos à tal busca, porém, pretende anunciar a multiplicidade de sua já dada existência e efetivação. Evidenciaremos que o pensamento de Nietzsche serviu e vem servindo de influência à uma Geografia filosófica partilhada por diversas vertentes do pensamento geográfico, como a Geografia crítica, a vertente humanista e cultural e a Geografia da diferença, de orientação pós-estruturalista. Em destaque, sinalizamos que Nietzsche também serviu de fundamento para a eclosão da geografia humanista de cunho fenomenológico, considerando que elementos de seu corpus geofilosófico podem ser claramente identificados na obra de alguns de seus principais autores, em caso particular, nos interstícios da geograficidade proposta por Eric Dardel. A filosofia de Nietzsche, portanto, abre possibilidades para um encontro entre os arquipélagos epistemológicos antes incommunicáveis, podendo resultar em um novo momento para o pensamento geográfico.

Palavras-chave: Epistemologia da Geografia. Geografia fenomenológica. Geografia da Diferença e Geografia Crítica.

Abstract

Nietzsche and his meetings with Geography: from geophilosophy to philosophy of Geography

What would a geographical appropriation of Nietzschean thought be like? We didn't dare to take the first steps towards this search in this work, however, it intends to announce the multiplicity of its given existence and effectiveness. We show that Nietzsche's thought has served as an influence to a Philosophical Geography shared by several trends of geographical thought, such as Critical Geography, the humanist and cultural approaches and the Geography of Difference, with a post-structuralist orientation. We also highlight the fact that Nietzsche has been used as a grounding for the emergence of a phenomenological humanist geography, considering that elements of his geophilosophical corpus can be clearly identified in the work of some of his main authors, especially in the interstices of the geograficity proposed by Eric Dardel. Nietzsche's philosophy, therefore, unfolds possibilities for a meeting between the previously incommunicable epistemological archipelagos, which may result in a new moment for geographical thought.

Key words: Epistemology of Geography. Phenomenological Geography. Geography of Difference and Critical Geography.

¹ Bacharel em Geografia pela FCT-UNESP. Doutorando pelo Instituto de Geociências (IG) da Unicamp. E-mail: davidavim@hotmail.com

² Doutor em Geografia, IG - Unicamp. Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas (FCA/Unicamp). Email: eduardo.marandola@fca.unicamp.br

NIETZSCHE: ENTRE FILOSOFIA E GEOGRAFIA

Os debates filosóficos são, cada vez mais, parte do dia-a-dia do geógrafo. Já vai longe o tempo que poderíamos nos referir à Geografia como uma ciência excessivamente empírica ou pragmática. Poderíamos até dizer que a geografia participa ativamente de alguns dos debates filosóficos mais importantes dos últimos 20 anos.

Esta relação mútua entre Filosofia e Geografia não é surpreendente historicamente, se levarmos em consideração a própria presença da Geografia tematizada desde os gregos, embora, por muito tempo, referida como cosmografia (KIMBLE, 2000). Há claras tradições geográficas estabelecidas a partir de Aristóteles, Ptolomeu, Heródoto e Heráclito (PATTISON, 1977), passando por reconhecidos geógrafos da antiguidade, não apenas europeus (KIMBLE, 2000), que contribuíram para o contexto de emergência da geografia como ciência moderna, quando o forte debate sobre a história, as ciências do homem e a metafísica, assim como a estética da natureza influenciaram Humboldt e Ritter a constituírem a ciência geográfica (LIVINGSTONE, 1992; VITTE, 2007; CAPEL, 2012).

É notório, especialmente neste contexto europeu do século XVIII, a importância da filosofia kantiana e da cena romântica, claramente incorporadas por Humboldt na constituição de sua concepção cosmológica da ciência em relação à arte e à filosofia (VITTE, 2007), assim como por Paul Vidal de La Blache, no século seguinte (BERDOULAY, 2017). A influência de Kant é tão perene que Richard Hartshorne, o grande nome da Geografia Estadunidense no início do século XX, reconhece nele a própria certidão de nascimento da Geografia como ciência (ideográfica e corológica), em seu célebre *The nature of geography*, que pode ser considerado o primeiro tratado propriamente epistemológico da geografia moderna (HARTSHORNE, 1939).

Além de Kant, Goethe, Herder, Schelling, Hegel e Descartes, muitos outros filósofos participaram da construção do pensamento de tais geógrafos, contribuindo para a constituição da geografia como ciência. Feito isso, no entanto, estes debates se tornaram menos frequentes, prevalecendo o esforço de desenvolvimento interno da geografia, até que a revolução teórico-quantitativa, nos anos 1950 (no mundo anglo-saxão) voltou a provocar os geógrafos a recorrer a filósofos com a finalidade de definir (ou redefinir) a natureza e a essência da geografia (HARVEY, 1969).

Harvey (1969), em um célebre livro que marca a retomada definitiva de tais debates, assinala que os geógrafos frequentemente recorrem à filosofia com este fim, discutir suas bases epistemológicas ou avançar metodologicamente. É isso o que temos visto com a incorporação das abordagens críticas (marxismo, estruturalismo) ou com as perspectivas humanistas (hermenêutica, fenomenologia, existencialismo) e mais recentemente com as discussões pós-estruturalistas e pós-colônias (CLAVAL, 2002; JOHNSTON; SIDEWAY, 2004). A fluência entre Geografia e Filosofia se refinou, tornando aquilo que se constituía muito mais em influência da primeira pela segunda em um diálogo que tem frutificado em novas aberturas e campos de reflexão contemporânea, como a exemplo da filosofia do espaço (MARANDOLA JR., 2009).

Em vista disso, trazer o pensamento de Friedrich Nietzsche para a discussão geográfica não é, em si, algo de se causar espanto. Na realidade, investigar seu pensamento e seus encontros com a Geografia se faz uma grande necessidade, tanto por seu papel no momento de gênese da Geografia Moderna, quanto por sua presença na Filosofia contemporânea, influenciando direta ou indiretamente vários dos autores que pensam a geografia do ponto de vista filosófico, quanto dos filósofos que têm influenciado as diferentes tendências da Geografia.

Nietzsche foi um pensador atento à produção científica de muitas disciplinas, dentre elas a geografia de seu tempo. O filósofo pôde estudar as principais publica-

ções dos expoentes da tradicional escola alemã, como a Antropogeografia de Friedrich Ratzel e o *Cosmos* de Alexander von Humboldt (GÜNDEL, 2003; ASTOR, 2013). Sobre o desdobraimento do primeiro, sobretudo a ideia de espaço vital, Nietzsche (já adulto), pôde acompanhar e se colocar em oposição a todo esforço pró-unificação alemã, assim como ao germanismo e o nacionalismo (ASTOR, 2013; DAHLMAN, 2010; WAINWIRGHT, 2010;). Sobre o segundo geógrafo, Nietzsche (ainda adolescente), manifestou particular entusiasmo e admiração, a ponto dos estudos universais sobre os fenômenos da terra dividirem seus interesses com a filologia clássica, sua primeira dedicação acadêmica. Para Dorian Astor (2013, p.48), alguns colegas do internato de Schulpforta (Saxony-Anhalt), a exemplo do filólogo Erwin Rhode, destacaram, ao ler a primeira publicação de Nietzsche, *O Nascimento da Tragédia* (de 1872), um aspecto de cosmociceia que revelava influências, não só gregas e românticas, mas (potencialmente) humboldtianas.

Já na primeira metade do século XX, filósofos como Ernest Bertram, Theodor Lessing e Karl Jasper sinalizaram a possível existência de filosofemas de caráter paisagísticos e geofilosóficos nos escritos de Nietzsche (GÜNDEL, 2003). Os filósofos Stephan Günzel (2003) e Charles Feitosa (2011) aprofundaram tal sinalização ao encontrar indícios de uma geofilosofia de origem nietzschiana em pensadores que leram e se apropriaram do empreendimento deste pensador. Dentre eles destacamos: Heidegger (2010) - em sua reflexão sobre o prospectivismo contido nos sentidos de sol e lua, luz e sombra, assim como no sentido de pico e abismo enquanto o embate terra-mundo e o devir enquanto eterno retorno; Bachelard (2001) - no voo ascensional enquanto alhures e superação, rumo ao além-do-homem; Lyotard - em sua interpretação do navegar sobre os oceanos enquanto risco de perecimento, esperança e glória, ao encontrar ilhas e terra incógnita (GÜNDEL, 2003); Deleuze e mais uma vez Heidegger - ao interpretar o deserto nietzschiano, não só como austeridade e sofrimento, mas o estar desacompanhado de seus pares (pensadores ocidentais-europeus) para então pensar profundamente aquilo que deve ser pensado, em total solidão (GÜNDEL, 2003).

Para Feitosa (2011), Nietzsche seria o primeiro a empreender o desafio de geografizar a Filosofia, tentativa que influenciaria outros filósofos. Na visão de Günzel (2003), a reflexão geofilosófica de Nietzsche trata-se na verdade de um posicionamento crítico diante da tradição filosófica. Suas metáforas proporcionam um enfrentamento ao triunfo da transcendência, assim como um apelo para que a Filosofia volte seu interesse à imanência, à corporeidade, à terra e toda a facticidade do mundo das coisas.

Na visão dos filósofos Paulo D'íorio (2014), Dorian Astor (2013) e Frédéric Gros (2010), Nietzsche se diferenciou dos demais pensadores por fazer de suas experiências no mundo subsídios para seu pensamento inovador. Atento aos sintomas do corpo (dor e prazer), além de viajante entusiasmando e incansável andarilho, Nietzsche fez de sua tarefa uma filosofia ao ar livre, experienciada e escrita com os pés, em meio as mais diferentes paisagens. Frias montanhas alpinas, vales e densas florestas, ensolarados litorais e arquipélagos mediterrâneos, além de charmosas cidades interioranas presentearam Nietzsche com afetos e sensações únicas, que em seu pensamento hermenêutico se desdobraram em pesados enigmas, ideias desafiadoras e surpreendentes. Por inspiração na leitura do Wainwright (2010) e considerando Nietzsche enquanto um filósofo que sentiu, pensou e escreveu sobre o mundo (e estando junto ao mundo), como não imaginá-lo geógrafo, considerando seu pensar interpretante (decifrador) sobre as formas, nuances e movimentos da terra em sua efetividade?

Atento a esta possibilidade, o sociólogo e filósofo Henry Lefebvre (2006) nos trouxe mais elementos para pensar Nietzsche enquanto um pensador que refletiu

sobre o espaço. Para o sociólogo, Nietzsche foi um dos primeiros a olhar para o abismo que separa o mundo mental do real, propondo uma visão holística sobre estas dimensões, oferecendo assim elementos para superar as deficiências da alienação e acriticidade das ciências (dentre elas a Geografia). Sua crítica ao idealismo platônico, assim como ao primado do tempo sobre o espaço, contido na dialética de Hegel, fez de Nietzsche, segundo Lefebvre, um pensador que valoriza não só o instante, mas o espaço enquanto dimensão concreta e fundamental para compreender o jogo de contradições que constituem a realidade.

Já a geógrafa Anne Buttimer teceu uma interpretação animadora para a seguinte questão: haveria em Nietzsche um humanismo? Para Buttimer (1990) isso seria muito possível, pois, em sua avaliação, o filósofo de *Assim falou Zaratustra*, trouxe, na poética de seus aforismos, o grito estremecedor da Fênix humanista, isto é, o alerta para as virtudes humanas, esquecidas ao longo do desdobramento e amadurecimento do humanismo convencional, suas instituições e estruturas faustianas do conhecimento. Para Buttimer, Nietzsche, assim como Heidegger, Goethe, Hölderlin e Kierkegaard, denunciou a decadência do logocentrismo iluminista, chamando atenção para a importância da estética, das emoções, paixões e vontades, além de sinalizar a importância de temas envolvendo a moral, a psique e as artes.

A iniciativa de Buttimer reverberaria na década seguinte, momento em que estudiosos e geógrafos de orientação humanista e cultural (dentre eles: Joel Wainwright, Andrew C. Comrie, Paul Kingsbury, Carl T. Dahlman, Clayton Rosati, Pamela A. Mullins-Baker, Caroline Joan (Kay) Picart e Jane Jacobs) participaram da reunião da *Association of American Geographers (AAG)*, em 2006 na cidade de Chicago-EUA, trazendo elementos da geofilosofia de Nietzsche enquanto temática central. O encontro resultou anos depois na publicação de uma coletânea de artigos sob o título: "*Friedrich Nietzsche and Geography*", edição especial do periódico canadense *An International E-Journal for Critical Geographies (ACME)*. Apesar da representatividade proporcionada pela publicação do periódico ACME, *Kingsbury (2010)*, assim como Peet e Hartwick (2009), Gomes (2011), Haesbaert e Bruce (2002) admitem que a plena incorporação da filosofia nietzschiana na Ciência, assim como na Geografia, vem, aos poucos, ocorrendo em suas tendências pós-estruturalistas e pós-modernas.

A nosso ver, o geógrafo francês Eric Dardel (2011), em sua obra capital *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, publicada em 1952, além dos seus méritos já reconhecidos, (BESSE, 1988; HOLZER, 2001; DAL GALLO; MARANDOLAJR., 2015), também foi, até então, o primeiro a trazer para a Geografia elementos fundamentais da geofilosofia nietzschiana, destaque para a sua dimensão cosmológica e os procedimentos epistemológicos dela decorrentes. Uma apropriação geográfica do pensamento de Nietzsche foi mais indiretamente anunciada via referências como Heidegger e Bachelard, presentes de modo mais explícito no trabalho de Dardel (DAVIM, 2015). O que explica o latente desconhecimento e inexistente repercussão desta abertura se deve ao fato da obra de Dardel ter sofrido um prolongado desinteresse e indiferença, por parte do grande coletivo de geógrafos, assim como de suas principais vertentes. A partir dos anos 1970-80, depois que a obra ganhou maiores projeções, sobretudo entre os humanistas, vem sendo possível dimensionar e escavar as riquezas de *O Homem e a Terra*, assim como as inúmeras possibilidades para o seu desdobramento.

A pretensão deste escrito segue, portanto, a busca por aproximar, mais uma vez, Geografia e Filosofia via a trajetória de recepção do pensamento nietzschiano no esforço científico geográfico. Em cada um destes encontros pretendemos aprofundar um pouco mais nossas escavações e interpretações, destacando os elementos geofilosóficos de maior reverberação nos autores influentes (filósofos ou geógrafos) para a ciência em questão. Tal exercício, além de dispor uma visão panorâmica da

relação entre Nietzsche e a Geografia, também nos possibilitar sinalizar e pensar outros caminhos para um aprofundamento de uma geografia filosófica (ou filosofia da geografia) que se faz evidente entre correntes críticas, humanistas e pós-estruturalistas.

A GEOFILOSOFIA NIETZSCHIANA

Apesar de alguns encontros diretos, o filósofo alemão Stephan Günzel (2003) admite que Nietzsche não fez de suas reflexões geográficas uma interlocução direta com a Geografia. Na verdade, o filósofo trouxe elementos geográficos para dentro de sua proposta como forma experimental de pensamento, assim como estratégia crítica à tradição metafísica. Toda a multiplicidade de filosofemas geofilosóficos, utilizados por Nietzsche, reforçavam para Günzel o sentido de superfície terrestre enquanto imanência, em detrimento à transcendência celestial e divina da filosofia clássica. Dentre as metáforas geofilosóficas nietzschianas, Günzel (2003) e Feitosa (2011) destacam o perspectivismo contido nos sentidos de sol, lua, planície, montanhas, oceano, ilha, entre outros.

Para os autores, Nietzsche concebe, por exemplo, o sol não como um ente estático e absoluto, mas uma fonte múltipla de luz, que em aparente movimento, nos dá uma grande variedade de perspectivas (FEITOSA, 2011; GÜNDEL, 2003). Heidegger (2010) concebe o meio dia como um estágio derradeiro para o propósito da filosofia nietzschiana, sendo este o ponto solar mais alto, momento de maior conhecimento, ou iluminação, assim como o instante do dia que nos oferece as menores sombras, pois essas se imiscuem, quase que completamente, no objeto iluminado. Ao meio dia a luz matinal se encontra com o entardecer, como se passado e futuro se unissem em um único instante, abrindo caminho ao crepúsculo e as trevas.

Günzel (2003) também explora a recepção das metáforas geográficas de Nietzsche em outros filósofos, destacando Martin Heidegger e os filósofos franceses Gaston Bachelard e Jean-François Lyotard. Em Bachelard, Günzel explora, por exemplo, as metáforas aéreas em Nietzsche avesso a rigidez e cristalização do pensamento. Um poeta e pensador do "ar", em busca do constante movimento dos ventos e a liberdade ascensional no voo frente às leis universais que pesam sobre nós e nos aprisionam. O voo também tem sentido de alhures e superação, ir além dos limites impostos para então criar o novo, sentidos que coadunam com a proposta de além-do-homem nietzschiano.

Em Lyotard, segundo Günzel (2003), e Feitosa (2011), o destaque é para as águas do mar e as ilhas. A primeira, traz consigo o sentido de risco e imensidão de possibilidades, onde se pode vagar como explorador, em meio aos equívocos de cálculos e incertezas. O mar é o perigo onde navegamos em busca das terras futuras e incógnitas, as ilhas de esperança e racionalidade que nos livrarão do medo, pobreza e desconhecimento. Para Nietzsche (2011a, 2011b) não há possibilidade de glória e superação se não houver exposição ao declínio e perecimento na desventura.

Heidegger (2010), por sua vez, interpretou os filosofemas envolvendo as imagens de deserto, abismo e montanha, as quais aparecem constantemente e de modo muito peculiar na obra nietzschiana. Tais imagens simbolizam uma das formas que Nietzsche escolheu para anunciar elementos fundamentais de sua filosofia, a exemplo do eterno retorno do mesmo, a elevação ao além-do-homem e o ato de decifração. Para Heidegger (2010), a escalada perigosa e dolorosa da montanha de Nietzsche é a possibilidade de compreender o seu pensamento mais pesado e abismal. Esse escalar

se configura em um caminho composto por duas sendas, para frente e para trás, que também sinalizam o para o alto e o para baixo. Para trás, temos o passado, aquele em que o homem moderno se prende em ressentimentos. O passado é "o foi", a mágoa, o lamento, a pedra no sapato para os nossos projetos, aquilo que sonhamos, inutilmente, em corrigir e remover de nossa história (HEIDEGGER, 2012a). Para frente temos o futuro, o indeterminado devir, o destino do além-do-homem e de sua criação. Porém, o futuro para o homem ressentido com "seu foi" é uma meta ambiciosa, objeto de rigoroso planejamento, que nos afasta do presente, o modo de não repetir as frustrações já vividas. O objetivismo rigoroso sobre o futuro é um ato de revanchismo contra o passado. Vingança esta que só é capaz de atingir e comprometer a vida no presente.

Na visão de Nietzsche, segundo Heidegger (2010), passado e futuro constituem um mesmo caminho, se encontrando e, ao mesmo tempo, se contradizendo no instante de escalada, representado pela figura do portal, descrito em (*Da visão e enigma*) um dos aforismos de Nietzsche (2011b, p150), na obra *Assim falou Zaratustra*. Um círculo que deve ser percorrido eternamente e vivido mais de uma vez (por inúmeras vezes), o que sinaliza a ideia de retorno ou repetição eterna das situações, eventos e sentimentos. Os dois caminhos também sinalizam o antagonismo entre as imagens de pico (ou cume) e de abismo (ou profundidade). Cimo e abismo constituem a mesma montanha, sendo que, no momento da escalada, o alpinista se depara, simultaneamente, com os dois. O abismo pode ser entendido enquanto profundidade, o fundo escuro, as trevas, onde há o risco da queda e da morte, a angústia de não saber e de não ver. No cume encontra-se o contraposto, a conquista da porção mais alta, a elevação, a alva luz do pico nevado, o ponto onde primeiro se absorve aos raios do sol, o alto mirante onde é possível ver mais, ver além e tudo ver. Subir a montanha é, portanto, viver os antagonismos entre passado e futuro, abismo e topo, sombra e iluminação, ocultamento e revelação.

O instante em Nietzsche corresponde, na leitura de Günzel (2003), a importância maior da imanência (da terra), da circunstância enquanto chão da história e a história enquanto ato em vida. Segundo esse autor, a valorização nietzschiana do instante repercutiu na filosofia de Heidegger especificamente em sua compreensão sobre o momento do *Dasein*, que, para Günzel (2003, p. 86-87), é o ser-no-mundo histórico, chão (ou território) e fundamento do Ser. Todavia, a valorização do *Dasein* tem caráter mais factual e geográfico do que as metáforas nietzschianas as quais, correspondem a um esforço, que Günzel acredita ser, de natureza estritamente virtual. A situação é o chão para o acontecer do instante, em outra interpretação, o espaço é condição para o tempo. Assim, para Heidegger e Nietzsche, a Geografia é ontologicamente, anterior a História (GÜNDEL, 2003).

O deserto seguramente é uma das paisagens mais recorrentes nas metáforas filosóficas nietzschianas, tendo Heidegger e Deleuze como apreciadores em destaque. No entanto, para Günzel (2003), assim como para o geógrafo Joel Wainwright (2010), o deserto em Nietzsche não corresponde, exclusivamente, a ideia de um sentimento ascético ou a chegada de uma era niilista na humanidade. A perspectiva nietzschiana do deserto trata-se de uma apropriação à filosofia de Heráclito, que envolve mais as ideias de solidão, austeridade, limite e exterioridade. Em cartas a amigos e familiares, Nietzsche, segundo Günzel (2003), revelou um desejo de viajar para regiões fora da Europa e assim obter uma perspectiva estrangeira sobre o próprio continente, além do ponto de vista da cultura ocidental, a qual tanto criticava. Dentre os destinos mais almejados encontram-se os desertos, que, geograficamente, correspondem, em parte, às porções que se encontram nas bordas, ou extremidades do continente europeu (ex.: Saara e Oriente Médio). Tal intenção revela o quanto Nietzsche valorizava a experiência em vida (dentre elas a viagem) enquanto fonte primordial para criar filosofias.

O deserto nietzschiano, segundo Günzel (2003) e Wainwright (2010), é o lugar de fora, o país de Heráclito, o pensador pré-socrático a invadir a pólis grega (o primeiro ocidente) com sua filosofia estrangeira. Para o filósofo Roberto Machado (2006), o deserto nietzschiano é o berço de Dionísio, o deus forasteiro, que invade Tebas, advindo de regiões áridas da Ásia, que também é a origem de Zaratustra, o personagem inspirado nas antigas religiões persas. Deste modo, o deserto é para Nietzsche o estar desacompanhado de seus pares europeus, uma espécie de solidão, reclusão e afastamento, onde o filósofo se põe a observar e pensar de forma mais ampla, profunda e livre.

Para Günzel (2003), assim como para Caroline J. Picard (2010), Nietzsche também propõe com seus filosofemas geofilosóficos, uma espécie de mapeamento ou cartografia sobre o mundo. Na leitura de Günzel (2003) aos poetas Ernst Bertram e René Char, Nietzsche, em seu sentir corpóreo e pensamento, fez de si mesmo um sismógrafo, que capta os tremores da terra e, em seguida, os interpreta em forma de poemas. Além de sismógrafo, Nietzsche, na visão de Günzel (2003) e Picard (2010), também se fez cartógrafo, que ao olhar da perspectiva do voo e sobre as montanhas, traça em seus aforismos, imagens, desenhos e mapas, lançando luz sobre a terra, esclarecendo-nos sobre os enredos da vida e dos homens.

Mesmo interessantes e contundentes no seu esclarecimento sobre a vida e sua crítica à metafísica, para Günzel (2003), as metáforas geofilosóficas de Nietzsche não passam de mera inteligência, imaginação ou experimentação do pensamento. Não foram criadas em situações de experiência e não são fruto da vivência do filósofo. Por outro lado, os filósofos Paulo D'Íorio (2014) e Frédéric Gros (2010) nos trazem uma leitura distinta, pois apontam Nietzsche como um pensador não convencional, que desenvolveu boa parte seu trabalho em experiência sensível, ao ar livre, viajando e fazendo de suas andanças matéria prima para seus pensamentos.

Segundo Gros (2010) e Astor (2013), Nietzsche, após desenvolver uma séria enfermidade (que alguns biógrafos apontam como um suposta sífilis), troca o ambiente acadêmico por uma vida errante e distante dos colegas, amigos e familiares. Devido à doença, Nietzsche evitava ambientes quentes ou extremamente frios. No verão, subia de trem para os Alpes e alugava um pequeno quarto nos albergues em Sils-Maria. No inverno, descia para as ensolaradas cidades italianas e francesas (muitas delas rente aos mares do mediterrâneo) como Nice, Veneza, Gênova, Nápoles e Sorrento. Nesta transumância entre lugares, Nietzsche dividia seu tempo em escrever suas famosas obras e caminhar muito, às vezes por seis, oito e até dez horas por dia.

Adorava passear pelas mais distintas paisagens, sempre acompanhado de seu caderno de notas, visitando cidades do interior, explorando vales, bosques, litorais e montanhas. Não raras vezes, Nietzsche (2008) revelava que, em muitas dessas caminhadas, havia se deparado com suas idéias mais importantes, a exemplo do eterno retorno do mesmo, pensamento que lhe arrebatou ao avistar uma rocha, às margens do lago Silvaplana, na alta Engadina – Suíça³, e a inspiração para o seu Zaratustra, que o visitou durante uma caminhada pelos penhascos próximos à baía de Santa Margarida, Portofino - Itália (FEITOSA, 2011).

Nietzsche, segundo Gros (2010), acreditava que pensar em meio às caminhadas fazia de suas obras uma escrita e filosofia em movimento, feita com os pés e ao

³ "Contarei agora a história de Zaratustra. A concepção fundamental da obra, o pensamento do eterno retorno, a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar, é de agosto de 1881: foi lançado em uma página com o subscrito: seis mil pés acima do homem e do tempo. Naquele dia eu caminhava pelos bosques perto do lago de Silvaplana; detive-me junto a um imponente bloco de pedra em forma de pirâmide, pouco distante de Surlei. Então veio-me esse pensamento" (NIETZSCHE, 2008, p.79).

ar livre. Um pensamento mais saudável, arejado e renovado caso comparado aos trabalhos de outros eruditos, que passavam a maior parte da vida trancafiados em empoeiradas e asfixiantes bibliotecas. Além de recurso para a renovação de ideias, Nietzsche também fazia de suas prolongadas caminhadas, tratamento para sua frágil saúde. Terríveis sintomas como náuseas, dores de cabeça e indisposição o debilitavam profundamente (em seus momentos de crise), impedindo o filósofo de andar, comer, dormir ou até mesmo ler e escrever. As mudanças de ares e viagens, assim como as caminhadas, eram suas estratégias para driblar e amenizar o sofrimento.

Em semelhante caminho, D'ório (2014), em seu formidável trabalho sobre os *papeis sorrentinos* de Nietzsche, destaca a fundamental importância das viagens, realizadas pelo pensador, na edificação de sua obra. Para D'ório, a temporada em que Nietzsche (aos 32 anos) esteve na Itália (1876-77), a passeio, lhe rendeu uma profunda viragem em seu projeto filosófico, a saber, seu rompimento com as bases estéticas e metafísicas de Wagner e Schopenhauer. Tal viragem trouxe a Nietzsche, um interesse renovado pelo pensamento homérico (pré-socrático), assim como abertura para se apropriar, interpretar e criticar o papel das nascentes ciências empíricas de seu tempo. Esse movimento canalizou as atenções do pensador para a libertação do espírito filosófico, em decorrência dos imperativos da tradição, assim como para o resgate e a valorização da terra, dimensão imanente da vida.

Na Itália, Nietzsche registrou em suas anotações de viagem a intensidade dos afetos, pensamentos e intuições que lhe visitavam em meio às vivências e experiências com diferentes lugares e círculos sociais. Segundo a investigação de D'ório (2014), nas cadernetas deste período, Nietzsche expressou, em rápidas notas, suas mais diferentes sensações, reflexões e humores diante das mais variadas paisagens italianas. Dentre os exemplos mais marcantes encontram-se as belas e ensolaradas falésias da península de Portofino, os penhascos e bosques perfumados de Sorrento, as perturbadoras viagens de cabotagem e travessias de barco rumo às ilhas de Capri e Ischia, os interessantes traçados arquitetônicos e agitação urbana de Roma, Genova e Pisa, sem contar com os animados carnavais de Nápoles, o pôr do sol acompanhado da bela e assustadora imagem do Vesúvio e o nostálgico e solitário retorno de trem para os Alpes.

Além de suas impressões e reflexões topológicas pessoais, Nietzsche, de acordo com D'ório (2014), trouxe para obras importantes como "Humano Demasiado Humano" e "Assim falou Zaratustra" os pensamentos e perspectivas paisagísticas de seus permanentes e esporádicos acompanhantes (a exemplo de Malwida von Meysenbug, Cosima Wagner, Paul Rée e Albert Brenner). Tal consideração demonstra, a nosso ver, que o filósofo também se valeu, neste contexto inicial, de um pensar compartilhado e intersubjetivo sobre lugares e paisagens. Partilha que se deu tanto em meio as experiências coletivas dos passeios, quanto em momentos posteriores, em ambientes mais privados (como hotéis e estalagens) conduzidos por longas e divertidas conversas noturnas e entrecortados por memórias e leituras (em voz alta) a grandes obras da literatura, ciência e filosofia.

Cuidadosas avaliações sobre dores e prazeres em meio as mais variadas atmosferas, paisagens, lugares e sociabilidades, concederam a Nietzsche subsídios para desenvolver uma interpretação filosófica a partir de uma espécie de imanência geográfica. Subsídios que o pensador apreendeu com seu próprio corpo e sentidos em meio a sua proximidade junto à terra, em um ser e estar no mundo. Como apontado por Wainwright⁴ (2010), o interesse, paixão e seriedade pelos quais Nietzsche sentiu,

⁴ If to be a geographer means that one studies and writes of the world, then Nietzsche could be seen as one of the great geographers, although his tools for writing – hammer, typewriter, genealogy, destruction – are either missing or often misunderstood (WAINWRIGHT, 2010, p. 21).

pensou e escreveu sobre o mundo, poderia ter feito dele um grande geógrafo. Sinalizar tal perspectiva, endossando as suspeitas de Bertram, Lessing e Jasper e explorando as leituras anteriores de Gros (2003), Feitosa (2011) e D'íorio (2014), acaba por contrariar o julgamento de Günzel (2003), abrindo a possibilidade de pensar Nietzsche, enquanto um filósofo que criou seus filosofemas geográficos a partir de sua própria experiência de vida.

ABERTURAS ENTRE NIETZSCHE E A GEOGRAFIA

Os estudiosos sobre o espaço tardaram, mas perceberem algum valor na geofilosofia nietzschiana. Entre as primeiras menções, encontramos os escritos do sociólogo e filósofo francês Henry Lefebvre, que pôde destacar em Nietzsche pontuações breves, para uma nova reflexão sobre o espaço. Lefebvre (2006) trouxe em suas formulações uma forte e pesada crítica às tendências teóricas e subjetivas (ou mentais) sobre as concepções espaciais em uso nas ciências de seu tempo. Para o sociólogo, as ciências do espaço, destaque para a Matemática, a Física e os saberes subjetivos, como os estudos sobre a linguagem e a psique são os principais responsáveis por uma Ciência acrítica diante dos conflitos sociais, alheia e passiva frente às contradições do mundo material.

Para livrar as ciências de suas abstrações vazias e descontextualizadas com o real e o social, Lefebvre (2006) se remete à crítica nietzschiana sobre a metafísica tradicional de Platão, assim como ao historicismo de Hegel. Para Lefebvre, Nietzsche é o pensador que olha para as profundezas do abismo que dividem o mental e o real, nos convocando para uma visão holística sobre estas dimensões. Em sua visão, Nietzsche não só ataca o valor transcendental da dicotomia platônica, mas o primado do tempo sobre o espaço, proposto pela dialética hegeliana.

Para Nietzsche, segundo Lefebvre (2006), o espaço está em íntima relação com o instante e este, por sua vez, é autônomo em relação ao tempo histórico, sendo este último irrelevante não só para compreender o instante, como para a determinação do devir. O espaço-instante nietzschiano, na visão de Lefebvre, é o palco trágico onde as contradições interagem na formação do real. Sendo assim, para Nietzsche (2014), em *Além do Bem e do Mal*, a ideia hegeliana de uma história cumulativa, progressiva e linear não tem nenhum valor efetivo, isto é, não passa de uma abstração vazia.

Em decorrência da valorização do instante, dos ataques à transcendência de Platão e à concepção hegeliana de História, Lefebvre (2006) interpreta Nietzsche como um dos filósofos a propor uma primazia do espaço e da espacialidade, tanto em seus aspectos mentais, como físicos e sociais, o que possibilita a concepção de teorias holísticas sobre o espaço⁵. Tal afirmação reforça Nietzsche enquanto um pensador que lançou reflexões geográficas à Filosofia, assim como aquele que abriu novas alternativas ao pensamento sobre o espaço.

A proposta espacial contida na filosofia de Nietzsche reverbera e influencia em diferentes intensidades, as perspectivas espaciais emergentes, não só via o seu primado sobre o espaço, mas também por apreensão de seus elementos cosmológicos. Para Nietzsche, segundo Lefebvre (2006), o espaço cósmico, assim como o físico e

⁵ Somente Nietzsche manteve o primado do espaço e a problemática da espacialidade: repetição, circularidade, simultaneidade do que parece diverso no tempo e nasce do tempo diverso. (LEFEBVRE 2006, p. 28)

social, é uma efetividade que se constitui e limita a partir da atuação conflituosa de forças que se contradizem, tragicamente, formando as diferenças e adversidades do mundo real.

A Geografia, de maneira direta e enquanto disciplina científica, pouco se interessou por Nietzsche, cenário que vem se modificando nos últimos anos. Dentre os geógrafos reconhecidos que primeiro citaram Nietzsche em seus trabalhos, destacamos a estudiosa irlandesa, Anne Buttimer. Em seu artigo intitulado "Geography, Humanism and Global Concern", Buttimer (1990) coloca Nietzsche entre os humanistas, que influenciados por elementos do romantismo, denunciaram o logocentrismo iluminista, que fora dominante sobre as estruturas institucionais da Ciência moderna, assim como sobre a própria Filosofia.

For Nietzsche, as for Kierkegaard, as well as for Heidegger, Sartre, and many a twentieth-century existentialist, the challenge was to evoke awareness of emotional, volitional, aesthetic and passionate aspects of human nature, human knowledge, and human action⁶ (BUTTIMER, 1990, p. 15)

Para a autora, o humanismo não pode ser visto simplesmente como um campo autônomo do conhecimento e sim uma postura de vida, aquele modo de existir que, de tempos em tempos, cumpre o papel de resgatar a natureza e os valores humanos esquecidos. Em sua trajetória e desdobramento, o humanismo passa por estágios diferenciados de pioneirismo, institucionalização e decadência, formando uma espécie de ciclo repetitivo. Em sua interpretação Buttimer (1990), fez uso de imagens mitopoéticas da Fênix (pioneirismo), Fausto (institucionalização) e Narciso (esgotamento - deterioração) para explorar a essência de cada um desses estágios.

Para Buttimer (1990), Nietzsche, assim como von Herder, Shiller, Hölderlin, Goethe, Dostoiévski, Kierkegaard, entre outros mestres, está entre os pensadores que denunciaram as estruturas faustianas e narcisistas, nascentes no humanismo da ilustração de Descartes, Bacon e Hobbes, porém, já decadentes na passagem do século XIX para o XX. A geógrafa concebe Nietzsche como um dentre os humanistas que reintroduziram, no discurso sobre a natureza humana, a importância das emoções, paixões, vontades e das artes (estéticas).

Para o contexto dos anos de 1990, talvez Nietzsche soe como uma mensagem de renovação para a Geografia e sua vertente Humanista que, segundo Holzer (1993, 2012), Amorim Filho (1999) e Marandola Jr. (2012, 2013), tendia a apaziguar seus enfrentamentos. A geógrafa já havia incorporando em seus trabalhos, um caminho mais eclético que fazia uso não só da fenomenologia, enquanto corpo epistemológico, mas também do existencialismo. O pensamento nietzschiano certamente coadunava com pontos fundamentais da proposta humanista de Buttimer, interessada em discutir aspectos da cultura, das artes, dos valores e, sobretudo, preocupada em humanizar a terra, proposta que trazia em si uma forte discussão ambiental.

Porém, mesmo que sejam possíveis e identificáveis tais aproximações entre Nietzsche e Buttimer, a autora não dedicou, em sua geografia, uma exploração ou apropriação mais nítida e direta sobre a obra do filósofo alemão como, segundo Holzer (1993, 2012) e Marandola Jr. (2012), já havia feito antes com Heidegger e Sartre. Assim como em Lefebvre, Nietzsche estaria presente nas ideias de Buttimer como um

⁶ Para Nietzsche, assim como para Kierkegaard, bem como para Heidegger, Sartre e muitos outros existencialistas do século XX, o desafio era evocar consciência emocional, aspectos volitivos, estéticos e apaixonados da natureza humana, do conhecimento humano e da ação humana (BUTTIMER, 1990, p 15).

sinalizar superficial e indireto. Uma abertura para outros tempos ou um horizonte de possibilidades inexploradas.

APROPRIAÇÕES RECENTES

Para o geógrafo Paul Kingsbury (2010), Nietzsche teve influências sobre uma série de subcampos da Geografia, a exemplo das vertentes: crítica, estruturalista, cultural, humanista e pós-estruturalista. Por outro lado, Kingsbury admite que o pensamento nietzschiano na Geografia ainda se apresenta enquanto uma temática sub-examinada. O filósofo alemão foi alvo de uma escassa discussão na cena geográfica norte-americana das décadas de 1980-90, tendo como principais articuladores geógrafos humanistas, como Anne Buttimer, e pós-estruturalistas entusiasmados com as recentes leituras de Foucault, Baudrillard, Lyotard, Deleuze e Derrida.

Na leitura de Kingsbury (2010), o principal evento a receber, de forma declarada o pensamento de Nietzsche na Geografia ocorreu durante as reuniões da *Association of American Geographers* (AAG), em 2006 na cidade de Chicago-EUA. Quatro anos depois, as discussões da AAG motivaram a publicação de uma coletânea de artigos sob o título: "Friedrich Nietzsche and Geography", edição especial do periódico canadense *An International E-Journal for Critical Geographies* (ACME). A publicação reuniu trabalhos de estudiosos como os geógrafos Joel Wainwright, Andrew C. Comrie, Paul Kingsbury, Carl T. Dahlman, Clayton Rosati, a filósofa Pamela A. Mullins-Baker, a bióloga, filósofa e artista plástica Caroline Joan (Kay) Picard e a reconhecida escritora, jornalista e urbanista Jane Jacobs. Todos exploram, por diferentes óticas, uma geografia diretamente associada à aspectos da filosofia nietzschiana.

Para a bióloga e filósofa Caroline J. Picard (2010), a obra de Nietzsche traz consigo uma reflexão geofilosófica compatível às compressões hermenêuticas, fenomenológicas e desconstrucionistas. A autora se apropriou de metáforas e metonímias nietzschianas como amparo e subsídio para o entendimento de como se dão os conflitos culturais no mundo atual. Picard fez uso dos princípios antagônicos do trágico em Nietzsche (Apolo-Dionísio; claro-escuro) não só para compreender os mitos tradicionais, presentes na ordem geográfica da etnia "ifugão"⁷, mas também para interpretar o avanço, a opressão, as mudanças espaciais e a resistência envolvendo os conflitos entre o estilo de vida moderno (globalizado) e a cultura de tribos e outros grupos tradicionais das Filipinas.

Já para o geógrafo Joel Wainwright (2010), por exemplo, Nietzsche seria uma fonte crítica, não só para a Filosofia, mas, também, para a Geografia, enquanto disciplina ou campo fragmentado das ciências. Em sua visão, Nietzsche poderia ser considerado um grande pensador de problemas geográficos, sendo a Geografia uma dentre as perspectivas de saber e não uma disciplina. Sua filosofia propõe maior atenção ao mundo aparente, ou a realidade mundana, ao invés de cultivar o que a Ciência ou a Geografia convencional entende por "mundo real" isto é uma dimensão descrita, medida e hierarquizada, convertida em representações cartográficas, abstrações e modelos sistêmicos. Nietzsche, segundo Wainwright (2010), denuncia o mundo real das ciências enquanto uma efetividade falsamente inventada, uma ficção vazia, representada por sentidos e conceitos em total desencontro com a vida e o mundo das coisas.

⁷ Etnia típica das cordilheiras filipinas, conhecida pela habilidade em manter os grandiosos terraços de arroz da região de Banaue.

Ao explorar a visão de realidade mundana em Nietzsche, Wainwright (2010), reconhece aspectos da leitura cosmológica que Müller-Lauter (2009) e Marton (2011) sustentaram em seus estudos sobre o filósofo alemão. Na visão do geógrafo, o mundo nietzschiano é um fogo sempre vivo, um monstro de energia, sem começo ou fim e que, assim como em Heráclito, se encontra em eterna transformação. Desvencilhar-se do "mundo real" é, ao mesmo tempo, retornar às ditas aparências, como julga a tradição, retornar ao mundo como ele é, ou seja, um devir ininterrupto, pelo qual o homem deve se voltar com entusiasmo e interesse, cumprindo assim a lição nietzschiana do *amor fati*, amor ao destino (WAINWRIGHT, 2010).

Nas formulações de Carl Dahlman (2010) Nietzsche, ao contrário de algumas interpretações, não foi um pensador dos ideais nacionalistas ou da pureza racial alemã como o proposto pelo germanismo, ou pela antiga raciologia e eugenia científica. Para o geógrafo, a associação de Nietzsche como nacional socialismo alemão é uma convocação póstuma e falsa que alguns militantes, a exemplo da irmã do filósofo (Elisabeth Förster-Nietzsche) e críticos apostaram equivocadamente. Muito dessa má interpretação se deve a leitura enviesada que alguns fizeram sobre os conceitos nietzschianos de vontade de potência e super-homem (ou além-do-homem), assim como à crítica moral que Nietzsche endereçou à cultura e religião judaica (muito semelhante à sua crítica ao cristianismo).

Nietzsche, segundo Dahlman (2010), era um entusiasta das trocas e dos movimentos de integração global entre as nações, assim como, contraditoriamente, um crítico virulento da burguesia liberal e da cultura alemã de seu tempo. Sua intenção era promover uma leitura positiva sobre as misturas raciais e culturais, assim como a integração dos mercados e das nações europeias, propostas que entram em choque com a geopolítica nacionalista e o antissemitismo. O filósofo era avesso aos movimentos nacionalistas e a ideia de nação, desmascarando esse último enquanto mais um conceito, construído socialmente e amparado em princípios biológicos darwinistas. Por outro lado, Nietzsche era um deslumbrado com os modelos monárquicos absolutistas (tendo por inspiração a aristocracia greco-romana), o que o revelava um antidemocrático, antisocialista e um admirador da nobreza europeia. Em sua perspectiva, o povo alemão era fruto de uma rica mistura de povos antigos (asiáticos e europeus) que se encontraram ao decorrer da expansão civilizatória. Para o filósofo, essa diversidade originária da cultura alemã era o que deveria ser explorado e estimado.

Nós, os sem pátria, por raça e ascendência somos demasiados múltiplos e misturados, enquanto "homens modernos", e, portanto, muito pouco inclinados a partilhar essa mentirosa autoadmiração e indecência racial, que agora desfila na Alemanha como sinal da mentalidade alemã e que, no povo do "sentido histórico", é algo duplamente falso e obscuro (NIETZSCHE, 2011a, p.281).

Já no interessante estudo da escritora Jane Jacobs (2010), Nietzsche é apropriado, em sua genealogia, para pensar a relação entre a criação de valores morais e os contornos morais que compõe a ordem dos espaços, assim como dos discursos. Para a autora, Nietzsche abriga, em sua filosofia, uma geografia sofisticada, isto é, que advém do sentido de sofisticada, um modo de pensamento pré-socrático, que ao invés da verdade da tradição, propõe a interpretação particular e situacional (circunstancial) da diferença que caracteriza os fenômenos e acontecimentos. Na visão de Jacobs (2010), a moralidade descontextualizada e avessa à situação vivida acaba por perpetuar, perspectivas históricas e espacialidades mentirosas, perversas e desiguais.

Apesar da representatividade proporcionada pela publicação do periódico ACME, Kingsbury (2010), assim como Peet e Hartwick (2009), Gomes (2011), Haesbaert e

Bruce (2002) admitem que a plena incorporação da filosofia nietzschiana na Geografia vem, aos poucos, ocorrendo em suas tendências pós-estruturalista e pós-modernas. A postura crítica da genealogia nietzschiana sobre os valores e os metadiscursos da tradição e a sua cosmologia, fundamentada no caos, (avessa a qualquer ordem ou conjunto de leis estruturais), certamente, segundo Peters (2000), colocam Nietzsche entre os precursores do pós-estruturalismo, assim como da postura pós-moderna, tanto no campo epistêmico, quanto nas artes, (sobretudo na literatura).

O filósofo Roberto Machado (2014), assim como Günzel (2003), aponta o encontro entre Nietzsche e o pós-estruturalismo não só via sua crítica e desvencilhamento ao pensamento tradicional-moderno, mas também devido à sua proposta de criação filosófica, fundamentada, principalmente, em seu perspectivismo e procedimento transvalorativo. Na visão de Machado (2014), Nietzsche compreende a Filosofia não só como um esforço exclusivamente investigativo, obstinado em desmascarar o fundo das verdades já dadas, mas, e principalmente, como arte, ato de criação e inventividade. O mestre da Basileia defendia uma filosofia em ato, que proporcionasse avaliações e criação de valores, não por meio de mera descrição e meditação sobre as semelhanças e igualdades (identidade), supostamente encontradas entre os entes. Para Nietzsche (2011a; 2011b) nada é igual, por isso a filosofia deve efetivar-se via a diferenciação e a multiplicidade de perspectivas sobre um mesmo, o que faz cada ente algo único e ao mesmo tempo múltiplo, impossibilitando assim qualquer leitura universal sobre a efetividade. Para Machado (2014), Gobbo (2012), Peet e Hartwick (2009), essa filosofia da diferença, gestada em Nietzsche, se desdobrou nos trabalhos de filósofos contemporâneos como Derrida, Foucault, Deleuze e Guattari, protagonistas da reconhecida cena francesa pós-estruturalista, das décadas de 1960-70.

Para Moreira (1999), Haesbaert e Bruce (2002), é a partir dessa cena francesa que recentemente se desenvolveu na Geografia uma aproximação com o pós-estruturalismo, tanto em uma apropriação crítico-marxista, comumente amparada nas leituras a Foucault e Derrida, quanto na emergência de uma geografia pós-estruturalista ou da diferença, inspirada no pensamento de Deleuze e Guattari. Na interpretação dos geógrafos Glauco Bruce e Rogério Haesbaert as tendências pós-estruturalistas na Geografia buscaram, em elementos da filosofia de Deleuze e Guattari, a exemplo das ideias de desterritorialização e rizoma, perspectivas capazes de pôr em xeque as concepções dualistas e estrutural-universalistas, assim como os princípios de causalidade sobre as manifestações sociais e a formação dos espaços. A ideia de rizoma, por exemplo, explora o caráter imponderável, múltiplo, indeterminado e fluido dos fenômenos da efetividade. A imponderabilidade dos fenômenos corresponde a um ininterrupto porvir, (ou vir-a-ser), que, por sua vez, não surge, tão pouco se territorializa ou se desdobra a partir de um núcleo essencial, ordem (estrutura) ou fundamento causal, assim como não se projeta rumo a qualquer finalidade (HAESBAERT; BRUCE, 2002). Para Machado (2014), a partir desta proposta, qualquer tentativa de conceituar eventos, espaços ou objetos da realidade não se sustenta em si, fazendo que qualquer significado ou mesmo subjetividade, um pensamento sem imagem definida, muito menos definitiva.

Criar conceitos, enquanto um ato filosófico artístico, ou mesmo científico, acaba se configurando no pós-estruturalismo enquanto criação de máscaras, fábulas, múltiplas perspectivas fictícias, como uma espécie de colagem de estilo dadaísta, que nega todas as semelhanças e as representações identitárias, afirmando uma imensidão de diferenças (MACHADO, 2014). Para Vattimo (1980), Peters (2000) e Peet e Hartwick (2009) o entusiasmo e defesa da diferença, assim como toda a corrosão pós-estruturalista, contida no pensamento não só Deleuze e Guattari, mas também de Derrida e Foucault, são desdobramentos do que foi pensado e proposto por Heidegger e, sobretudo, por Nietzsche. Para Machado (2014), a meditação sobre a diferença, em Deleuze

e Guattari, não se trata apenas de uma filosofia, mas de uma geografia do pensamento que já vem sendo incorporada pelas tendências pós-estruturalistas da própria Geografia, a exemplo do estadunidense Marcus Doel (HAESBAERT; BRUCE, 2002).

APROPRIAÇÃO NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Na trajetória da Geografia brasileira, Nietzsche também foi pouco explorado, porém em apropriação crescente nos últimos anos. O filósofo também é apontado, como sugere Moreira (1999), Haesbaert e Bruce (2002) enquanto fundamento para uma Geografia pós-estruturalista brasileira. Todavia, é possível reconhecer alguma reflexão e aplicação de elementos do corpus nietzschiano (a exemplo da genealogia) em empreendimentos que mesclam a teoria crítica com tendências pós-estruturalistas. No âmbito da geografia cultural, fragmentos do pensamento nietzschiano foram usados com o intuito de pensar aspectos discursivos, estéticos, simbólicos e míticos da religião e da cultura. Além disso, recentes e mais incisivas análises, com preocupações, majoritariamente, ontológicas e epistemológicas foram desenvolvidas na Geografia, possibilitando novas perspectivas sobre conceitos como espaço, corpo e natureza, colhidas a partir de uma leitura deleuziana sobre Nietzsche.

Sobre a mescla entre tendências críticas e pós-estruturalistas, é pertinente apontar, como exemplo, o trabalho do geógrafo Sérgio Martins, destaque para seu artigo "Por uma genealogia dos (des)encontros entre a geografia e o urbano". Neste escrito, Martins (2012) levanta críticas à crença de que é possível conquistar maior validade científica ao encontrar as raízes dos conceitos ou dos termos clássicos e recorrentes nos estudos urbanos na Geografia. Nos argumentos do geógrafo, tal procedimento de investigação busca somente promover abstratas essências fundamentais, que constituem sentidos e linguagens distantes do mundo concreto. Estes alimentam discursos sobre a verdade, que têm por meta diluir o peso das contradições e conflitos do mundo vivido, priorizando coerências, semelhanças e identidades. Na visão de Martins a busca pelas essências fez das ciências (dentre elas a Geografia) não apenas um saber, ou meio de conhecimento, mas uma eficiente ferramenta de poder sobre os territórios. O apaziguamento sobre as diferenças e desigualdades é uma tentativa de falsear a vida real, o que, moralmente, acaba formatando a política, as práticas sociais, os costumes e, consequentemente, os espaços.

Ao se apropriar da genealogia nietzschiana, assim como de seu desdobramento na arqueologia do saber de Foucault, Martins (2012) pretende algo relativamente semelhante ao proposto por Jacobs (2010) em sua apropriação de Nietzsche, isto é, desmascarar a relação entre saber e poder, oculta nos discursos sobre os territórios e demais dimensões do espaço. Nesta perspectiva, Martins defende uma genealogia que não só denuncie a moral e os reais interesses, ocultos nas essências e conceitos sobre a verdade, mas que também agite a aparência imóvel e rígida dos discursos políticos e científicos. Para o geógrafo, a única proveniência para as palavras e sentidos é a circunstância dos acontecimentos, caracterizada pelo conflito (luta) entre as diferenças e desigualdades. É a partir desta proveniência concreta que deveria emergir os discursos geográficos sobre os espaços urbanos. Essa seria a melhor forma de compreender a complexidade e o jogo dialético entre as contradições que constituem a vida, fazendo da Geografia um saber engajado na luta por mais cidadania e garantia de direitos humanos.

A proposta de Martins (2012), de certa forma, coaduna com as críticas de Lefebvre (2006) dirigida aos pensadores da linguagem, que, em sua visão, pretendi-

am explorar essências distantes do concreto. No entanto, o uso restrito da genealogia nietzschiana nos argumentos de Martins assume uma função fragmentada e bem habitual, isto é, fazer de Nietzsche uma ferramenta de destruição sobre postulados metafísicos e suas metanarrativas. Ao abrir caminhos, com os efeitos da filosofia iconoclasta de Nietzsche, Martins revela, em suas reais intenções, uma vocação mais alinhada às vertentes críticas da Geografia, a saber, fazer da disciplina uma militância preocupada com as transformações da realidade social, engajada no enfrentamento às perversidades do mundo moderno (que põe em risco a dignidade humana) e promotora de um melhor futuro para a vida em sociedade, no caso, no ambiente das cidades.

Anterior e epistemologicamente distinto ao objetivo conclusivo do texto de Martins, é possível destacar o esforço de dois geógrafos na elaboração de uma sequência de estudos que incorporaram pontos da filosofia nietzschiana. Trata-se de um conjunto de textos diretamente relacionados, que, no Brasil, representam o primeiro entendimento geográfico de tal natureza. Em seu trabalho, Bianchi A. Gobbo e Ricardo D. Oliveira (2008), além da crítica ao racionalismo exacerbado do discurso científico, utilizam a obra de Nietzsche como possibilidade para um novo conhecimento, assim como um modo diferente de pensar a Geografia. Em seu esforço, Gobbo e Oliveira exploraram o escrito mais famoso de Nietzsche (*Assim falou Zaratustra*) e dele desdobraram uma espécie de interpretação geográfica, que se faz expressa por paisagens, imagens, metáforas e significados poético-filosóficos, avessos ao formalismo da palavra. Tal exegese nietzschiana se exemplifica via a narrativa experiencial da personagem Zaratustra, que, em relação direta com os elementos da natureza, vislumbra um suposto sentido de espaço existencial.

Nessa espécie de texto introdutório, Gobbo e Oliveira (2008) desenvolvem uma rápida discussão ontológica e epistemológica sobre um entendimento espacial em Nietzsche. Esse suposto espaço seria uma dimensão oriunda da interpenetração entre corpo humano e natureza. O corpo, nesse caso, corresponde à condição imanente que possibilita ao ser humano sentir, desejar, pensar e criar no mundo. A corporeidade, portanto, apreende e se integra à efetividade do mundo físico-natural, desdobrando-se em orientação, posicionamento e criação artística (ato), o que nos possibilita expressar sentidos geográficos, até mesmo discursos, sobre o Ser enquanto existência.

O aprofundamento ao primeiro trabalho ocorre a partir da dissertação de Gobbo (2012) que, dentre temas associados à linguagem e à educação, discute uma nova dimensão epistemológica que emerge da filosofia de Nietzsche. Neste trabalho o geógrafo aproveita de sua anterior discussão sobre um possível espaço nietzschiano e a converte em uma conceituação sobre natureza, que traz em si uma dimensão cosmológica, assim como uma faceta procedimental da filosofia nietzschiana.

Nietzsche, como defende Gobbo (2012), entende a natureza enquanto vontade de potência, um termo central de sua obra. Apropriando-se da interpretação de estudiosos como Marton, Kaufmann e Deleuze, Gobbo entende a vontade de potência como um todo processual, marcado por uma multiplicidade sem ordem, origem ou finalidade, o que evidencia uma clara afirmação cosmológica. Nessa totalidade, homem (em suas dimensões físicas e mentais) e mundo exterior constituem uma correlação de forças indissociáveis e em constante transformação. Uma realidade na qual homem e natureza fogem dos modelos habituais de distanciamento e hierarquização. Nessa proposta, renaturalizar o homem não é simplesmente obedecer a um determinismo natural e sim resgatar um princípio ontológico. Além de responder à junção homem e mundo, a natureza, na leitura de Gobbo, também é diferenciação, o que a impede de se reduzir ao absolutismo das palavras, que fixam os sentidos sobre as coisas.

É possível perceber no texto de Gobbo uma clara apropriação deleuziana, o que, ao nosso ver, aproxima esse empreendimento de uma geografia da diferença. A multiplicidade do cosmo nietzschiano alimenta uma proposta perspectivista e interpretativista que visa fazer de todo ato uma circunstância de criação conceitual, mas de caráter não definitivo. No entanto, o conflito, ou o antagonismo entre as forças, que segundo Nietzsche (2011a, 2011b), assim como na leitura de Müller-Lauter (2011) e Marton (2011), alimenta a própria multiplicidade, o por-vir e a superação do si-mesmo, não é vista por Gobbo enquanto elemento fundamental para afirmar as diferenças e, consequentemente, para a criação de novos valores.

Essa descrença sobre o papel das forças em luta parece corresponder à uma apropriação do olhar deleuziano sobre Nietzsche, que aponta o agonismo como uma má interpretação de caráter dialético. O conflito, na leitura deleuziana de Gobbo (2012), é visto mais como aniquilamento das diferenças do que um fundamento ontológico para as mesmas. Ou seja, neste ponto de vista o conflito é pensado como imposição, ou tirania de uma única perspectiva (aquela de maior poder), o que acaba resultando na territorialização da linguagem e dos discursos. Não é considerado aqui, por exemplo, o sentido do trágico na recriação constante da realidade, isto é, que o agonismo é aquilo que verdadeiramente corrói e desestabiliza qualquer intenção de apaziguamento, cristalização e absolutismo no discurso, assim como das relações e da própria efetividade do mundo.

Os recentes estudos de Goobo e Oliveira, além de pioneiros no contexto brasileiro, já tiveram a oportunidade de repercutir em outros trabalhos. Um dos exemplos mais expressivos é o foco dado à ideia de renaturalização do homem, pensado por Bernard Coutinho (2012) enquanto problematização sobre a tradicional dicotomia geográfica entre homem e natureza. Na linha dos trabalhos anteriores, a publicação de Coutinho assume uma preocupação essencialmente epistemológica, assim como uma perspectiva deleuziana de Nietzsche o que, de certo modo, corresponde, nos dias de hoje, a uma apropriação bastante usual do filósofo.

Além de geógrafos críticos e pós-estruturalistas a filosofia de Nietzsche também compareceu, de passagem, nos trabalhos de geógrafos brasileiros da vertente cultural. Pelo fato de Nietzsche lidar, intensamente, com as questões sobre a moral, os valores, os problemas relativos à linguagem, o uso dos significados, da arte e dos mitos, geógrafos como Jorge L. Barbosa e Aureanice e Mello Corrêa (2001) utilizaram elementos do pensamento trágico nietzschiano para interpretar paisagens culturais de matriz afro-brasileira, carregadas de sentidos advindos das narrativas mítico-religiosas.

Como é possível constatar, ao longo destes argumentos, a filosofia nietzschiana demonstra o quanto é capaz de influenciar as tendências mais recentes, não só da Filosofia, como também nas ciências, a exemplo da Geografia. Seu pensamento antimoderno, sua crítica à tradição, sua predisposição, tanto para a materialidade, quanto para a subjetividade, sem contar a força de seus procedimentos reflexivos e intelectivos, a exemplo do perspectivismo, a genealogia, a interpretação e intuição, fazem de Nietzsche uma vitalidade para possíveis transformações. Um fundamento sem fundo, avesso ao absolutismo teórico, aos habituais dogmatismos do pensamento, combativo diante das certezas e falsas verdades, iconoclasta sobre a cristalização de modelos, conceitos e apriorismos.

ERIC DARDEL DESBRAVADOR OCULTO DA FILOSOFIA NIETZSCHIANA

Após esse caminho apresentado, não podemos deixar de explorar o que hoje apontamos enquanto a primeira presença da filosofia nietzschiana na Geografia. Apropriação que se antecipou aos pós-estruturalistas, assim como a Lefebvre, Buttimer e aos estudiosos presentes na reunião da AAG, no ano de 2006. A obra *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, publicada em 1952, pelo geógrafo francês Eric Dardel, trouxe, em sua incorporação aos aspectos da filosofia de Heidegger e Bachelard, elementos fundamentais do pensamento nietzschiano, como a crítica corrosiva dos valores, assim como dimensões de sua cosmologia e filosofia, a exemplo do sentido de terra, trágico, além-do-homem e vontade de potência (DAVIM, 2015).

Como o analisado por Jean-Marc Besse (2011) e Werther Holzer (2011), a obra capital de Eric Dardel manteve-se, no mínimo por 20 anos, completamente desconhecida pela maior parte dos geógrafos e das mais variadas vertentes. Segundo Holzer (1993), na década de 1970, coube aos geógrafos Edward Relph e André-Louis Sanguin resgatarem a obra de Dardel para então anunciá-la enquanto marco fundamental para os estudos humanistas na Geografia, tendo reverberações nos trabalhos do próprio Relph, Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, entre outros. Para Holzer (2011; 2012), a geografia de Dardel foi apropriada pela perspectiva humanista norte-americana, não só enquanto uma referência importante para os estudos geográficos existencialistas, mas também enquanto o mais bem elaborado tratado de Geografia fenomenológica que se fez conhecido.

A Geografia proposta por Dardel se alinha com a fenomenologia basicamente por dois vieses. O primeiro corresponde ao que Gomes (2011) e Relph, segundo Holzer (1993), sinalizaram como a apropriação mais comum da fenomenologia pela Geografia, a saber, uma abordagem crítica aos postulados e modelos tradicionais e positivistas. O segundo está ligado ao que Dal Gallo e Marandola Jr. (2015) reconhecem como o resgate da atitude ontológica e imanente do geógrafo em relação à efetividade concreta do mundo e sua disposição subjetiva e interpretativa diante da experiência.

Para Dardel (2011), a Geografia científica abriu mão de sua ontologia e de seu originário caráter volitivo, em razão da objetividade geométrica, ocasionando assim o surgimento de modelos e categorias apriorísticas, rígidas e universais. Para o resgate desse caráter volitivo-ontológico, e assim superar o formalismo da Ciência moderna, Dardel propõe o retorno à uma geografia primitiva, fundamentada no que Marandola Jr. (2012) compreende por sentido visceral de uma relação concreta entre homem e terra.

Dardel entende a terra como uma efetividade dotada de potência e dinamismo próprios. Portanto, a terra, enquanto realidade geográfica, seria uma materialidade viva que se relaciona, conflituosamente, com a presença e ação humana, oferecendo-lhes obstáculos e estímulos. Além das dimensões concretas, a terra, mediante a ressonância de sua tonalidade afetiva, também exige da sensibilidade humana a tradução subjetiva de seus estímulos em qualidades e valores, aos moldes de um diálogo ou sonoridade. Dardel crê que o homem seja o único vivente capaz de traduzir em vocabulário, esse apelo, ou mensagem, que salta da terra para o seu corpo e imaginário. Caso percebida, essa linguagem da terra é capaz de mobilizar nossos sentimentos, memória e pensamentos, resultando em uma interpretação poética e, essencialmente, ontológica, o que Dardel propõe enquanto sua geograficidade (DAVIM, 2015).

A geograficidade de Dardel (2011), além de um modo humano de existência sobre a terra, também se configura enquanto uma epistemologia fenomenológica e hermenêutica de compreender o mundo. Uma geografia fundamentada no jogo (luta)

de revelação (luz) e ocultamento (escuridão), que nasce da intimidade entre homem e terra. Caminho este que, em virtude da poética, acaba sendo uma forma de lançar sobre a terra outras nuances, vivacidades, cores e intensidade expressiva, tornando o ato científico algo transparente, interessante e surpreendente.

Dentre uma série de filósofos, geógrafos, poetas e demais literatos, Dardel (2011) lança o nome de Nietzsche entre referências como Hölderlin, Goethe, Shelley, Heidegger, Merleau-Ponty, Lévinas, Vidal de La Blache, Novalis, Michelet, Baudelaire, Rimbaud, entre tantos outros. A Nietzsche Dardel (2011, p.17, 24-25) dedica, diretamente, apenas duas rápidas passagens e delas explora metáforas paisagísticas sobre o voo (ar) e a subida às montanhas (terra). Talvez estas tímidas referências sejam o suficiente para registrar, ao menos, a presença, assim como a importância da geofilosofia nietzschiana em trabalhos inovadores e germinais para as novas tendências geográficas, a exemplo da obra de Dardel. No entanto, a presença de Nietzsche em Dardel vai além de suas ligeiras citações geofilosóficas (DAVIM, 2015).

Além de fazer uso direto dos termos vontade de poder e vontade de potência (tratados como sinônimos nos estudos nietzschianos), tanto em seu sentido afirmativo e quanto niilista, Dardel se apropriou, indiretamente de elementos, fundamentais da cosmologia nietzschiana para fundar sua geograficidade. A primeira e primordial ideia que sinaliza uma provável cumplicidade entre esses dois se dá via a noção de terra enquanto potência autônoma, criadora e fundamental para a existência, assim como para um saber primitivo (filosófico e geográfico) (DAVIM, 2015). Na leitura de Dal Gallo e Marandola Jr. (2015) a noção de terra, assim como a postura de proximidade terra-homem, advém diretamente de Heidegger, no que corresponde aos sentidos de ser-aí e ser-no-mundo. Para Malpas (2008) e Pádua (2012) o ser-aí na obra de Heidegger expressa dois sentidos primordiais, o de ser-aí enquanto modo humano de existência, isto é, a capacidade de conhecer ou desvelar o Ser em verdade, e ser-aí enquanto topos, lugar, solo, terra, situação e fundamento onde o homem, em proximidade e entrelaçamento, testemunha a manifestação (revelação) do Ser. Defendemos que essa perspectiva de terra, que Dardel incorpora a partir de Heidegger, advém da apreensão que o filósofo fez da cosmologia e dos sentidos nietzschianos de trágico e verdade (DAVIM, 2015).

A segunda ideia, que revela proximidades entre Nietzsche e Dardel, advém do sentido de forças em luta, isto é, a dinâmica de como ocorre à relação entre homem e terra. Esse ponto, ao nosso ver, é uma apropriação de Dardel, não só aos elementos da filosofia heideggeriana (relativo ao embate terra-mundo), mas também, e com considerável potência, as lições da fenomenologia da imaginação material de Gaston Bachelard (DAVIM, 2015). Para Bachelard (1990), terra e homem, em suas potências (ou forças), travam um verdadeiro jogo de ressonância e repercussão, criando não só uma relação concreta de estímulos e resistências, mas um diálogo tecido por imagens. A terra, em sua vitalidade, convoca o homem a desocultar seus mistérios, decifrar seus enigmas, iluminar seu abismo de escuridão, por meio do sentir-pensar e exercício poético-artístico. Ao habitar e trabalhar a terra, o homem promove, em paralelo, a nomeação que doa sentido ao mundo e que, por sua vez, cria, constantemente, novas palavras.

Assim como na ontologia hermenêutica de Heidegger, a dinâmica da imaginação de Bachelard também incorporou aspectos da filosofia nietzschiana, com destaque para as ideias de vontade de potência, além-do-homem, assim como as imagens geofilosóficas do voo e do pensamento ascensional. Tal afirmação não soaria tão exótica se considerarmos que Bachelard e, sobretudo Heidegger dedicaram considerável tempo a ler e escrever sobre Nietzsche. Sendo assim, é possível pensar que estes dois filósofos serviram de ponte para apropriação de Dardel a elementos do corpus nietzschiano (DAVIM, 2015).

GEOFILOSOFIA E FILOSOFIA DA GEOGRAFIA

A geofilosofia nietzschiana, como vimos, tem sido muito fecunda em possibilitar novos caminhos para a geografia contemporânea. Sua filosofia tem servido aos geógrafos para dar outros passos, em direção a uma filosofia da geografia, por meio de sua geofilosofia.

O que vislumbramos, portanto, é algo singular em termos daquilo que tem ocorrido nas renovações e novas tendências da geografia, como se estruturou nos últimos 70 anos. A influência de Nietzsche penetrou em várias tendências contemporâneas, produzindo multiplicidade, renovações epistemológicas e repercutindo metodologicamente nas pesquisas. No entanto, para além do *modus operandi* que se constitui a partir de uma incorporação deste tipo, resultando em aprofundamento e estabelecimento de tradições e acirramento de cada tendência epistemológica, a própria filosofia de Nietzsche, por suas características, abre a possibilidade de restabelecimento de um diálogo do conjunto da geografia contemporânea.

Este diálogo, desde que se estabeleceu a forma multiparadigmática da geografia pós-segunda guerra mundial, contrariando a leitura clássica das revoluções e crises de paradigmas de Thomas Khun (2011), esteve marcado pela criação de arquipélagos e grandes continentes epistêmicos muito pouco comunicáveis (CLAVAL, 2002) e autoexcludentes entre si. A geofilosofia nietzschiana, espalhada que está por estes vários territórios do saber geográfico, estabeleceu, involuntariamente, a possibilidade de subversão de tais divisões e, com isso, a possibilidade de restabelecer o debate de uma filosofia da geografia.

Não se trata de uma busca por um monismo epistemológico perdido, mas da reinvenção da possibilidade em colocar a potência da multiplicidade e da diferença à prova, em favor da Geografia, não como ciência moderna, mas como força mobilizadora de um pensar-sentindo terrestre.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.11, n. 21 e 22, p. 67 - 87, jan/dez. 1999.
- ASTOR, D. **Nietzsche**. Tradução de Gustavo de Azambuja Feix. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: Ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.
- BARBOSA J. L.; CORRÊA, A.de M. A paisagem e o trágico em "O amuleto de Ogum". In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, Imaginação e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- BERDOULAY, V. **A Escola Francesa de Geografia**: Uma Abordagem Contextual. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BESSE, J.-M. Geografia e Existência: a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, É. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 141-154.

- BUTTNER, A. Geography, Humanism, and Global Concern. **Annals of the Association of American Geographers**, n. 80, n. 1, pp. 1-33, 1990.
- CAPEL, H. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea**: unaintroducción a la geografía. (Nueva edición ampliada). Barcelona: Ediciones del Serbal, 2012.
- CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.) **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. p.11-43.
- CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito chave da geografia. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia**: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.15-47,1995.
- COUTINHO, B. T. Uma leitura nietzschiana acerca da (re)naturização do homem. In: SEMANA DE GEOGRAFIA DA UNICAMP, 8. 2012, Campinas, 2012. **Anais**. Campinas: UNICAMP, p. 163-167, 2012.
- DAHLMAN, C. T. After Nietzsche's Beyond. **ACME: An International E-Journal for Critical Geographies**, Okanagan, v. 9, n. 1, p. 66-71, 2010.
- DARDEL, É. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- DAVIM, D. E. Madeira. As forças em luta: segredos entre Nietzsche, Bachelard e Dardel sobre as vontades da terra. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 9, Presidente Prudente, 2015. **Anais...** Presidente Prudente: UFGD, 2015. Disponível em <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/499.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2015.
- DAL GALLO, P. M.; MARANDOLA JR. E. O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da geografia como ciência existencial. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia** (Anpege), v.11, n.16, p.173-200, jul-dez. 2015.
- D'ORIO, P. **Nietzsche na Itália**: a viagem que mudou os rumos da filosofia. Tradução: Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- FEITOSA, C. Filosofia e Geografia em Nietzsche. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de, et al. **Nietzsche e as ciências**. Rio de Janeiro: 7letras, p. 139 -149, 2011.
- GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- GOBBO, B. A.; OLIVEIRA, R. D. **Filosofia no diálogo com o discurso científico da Geografia**: Linguagem e Espaço no Zaratustra de Nietzsche. Monografia (Graduação em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008. 33p.
- GOBBO, B. A. **O Conceito de Natureza no Pantanal e a filosofia de Friedrich Nietzsche**: Contribuições para a geografia e seu ensino. 120 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2012.
- GROS, F. **Caminhar, uma filosofia**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.
- GÜNZEL, S. Nietzsche's Geophilosophy. **Journal of Nietzsche Studies**, New York, v. 25, n.1, p. 78 - 91, 2003.
- HAESBAERT, R.; BRUCE, G. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **Geographia**, Niterói, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002.

- HARVEY, D. **Explanation in geography**. New York: St Martin' Press, 1969.
- HEIDEGGER, M. **Sobre o Humanismo**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009b.
- _____. **Nietzsche (1)**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- HOLZER, W. A Geografia Humanista Anglo-saxônica: de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1/4, p. 108 - 143, jan./dez. 1993.
- _____. A Geografia Fenomenológica de Éric Dardel. In: DARDEL, É. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 141-154.
- JACOBS, J. M. Sophisticated Geographies. **ACME: An International E-Journal for Critical Geographies**, Okanagan, v. 9, n. 1, p. 10-20, 2010.
- JOHNSTON, R.; SIDEWAY, J. **Geography & geographers: anglo-american human geography since 1945**. 6thEd. London: Routledge, 2004.
- KIMBLE, G.H.T. **Geografia na Idade Média**. (Trad. Márcia S. de Carvalho). Londrina: Eduel, 2000.
- KINGSBURY, P. Editorial Introduction: Friedrich Nietzsche and Geography. **ACME: An International E-Journal for Critical Geographies**, Okanagan, v. 9, n. 1, p. 1 - 9, 2010a.
- KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000), 2006. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf
- LIVINGSTONE, D. **The geographical tradition**. Oxford: Blackwell, 1992.
- MACHADO, R. A Geography of Philosophical Thought. **Deleuze International**, v. 03, p. 1-15, 2014.
- MARANDOLA JR., E. Contribuições fenomenológicas para uma filosofia do espaço. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n.1, p. 235-238, 2010.
- _____. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012.
- MARTINS, S. Por uma genealogia dos (des)encontros entre a Geografia e o urbano. **Geografafes**, n. 10, p. 1-30, mar. 2012.
- MARTON, S. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- MOREIRA, R. A diferença e a Geografia: o ardid da identidade e a representação da diferença na Geografia. **Geographia**, Niterói, v.1, n. 1, p. 41-58, 1999.
- MÜLLER-LAUTER, W. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. Tradução de Claudemir Araldi. São Paulo: Unifesp, 2009.
- NIETZSCHE, F. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- _____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.

_____. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

_____. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.

_____. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e Filosofia da diferença**: uma introdução. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

PICART, C. J. Troping the Tropics: Reflections on Nietzsche's Geophilosophy and the Philippine Rice Terraces. **ACME: An International E-Journal for Critical Geographies**, Okanagan, v. 9 n. 1, p. 72-80, 2010.

VITTE, A. C. Da Metafísica da natureza a gênese da Geografia Moderna. In: VITTE, Antônio C. (Org.). **Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **Por uma geografia híbrida**: ensaios sobre os mundos, as naturezas e as culturas. Campinas: CRV, 2011.

WAINWRIGHT, J. Nietzsche Contra the Real World. **ACME: An International E-Journal for Critical Geographies**, Okanagan, v. 9 n.1, p. 21-33, 2

Aceito em abril de 2017

Recebido em agosto de 2017